

TRAVESSIAS ED XIII**ISSN 1982-5935**
revistatravessias@gmail.com**LINHA CRUZADA****Fábio Aresi¹**

Maria Rita estava prestes a cometer um ato de loucura. Isso se podia ver pela forma com que ela andava, a passos largos, pisando duro pela calçada como se marchasse para a guerra. Seu rosto era uma máscara rubra de ódio e desprezo, os olhos fixos à frente, antevendo já a casa, o quarto, o crime. As lágrimas umedeciam-lhe ainda as maçãs do rosto e as bochechas, enquanto a boca rogava maldições cabeludas e mandava Júlia e Claudio a todos os diabos. O revólver pesava dentro da pequena e delicada bolsa, a qual Maria Rita apertou contra o peito quando dobrou a esquina e viu, dois quarteirões adiante, a casa onde se daria inevitavelmente a catástrofe. Suspirou em voz alta entre soluços de agonia, praguejou e continuou firmemente a caminhada.

A pobre mulher tinha todos os motivos para agir dessa maneira. Maria Rita já vinha notando desde algum tempo que o seu marido (o Claudio dos esconjuros raivosos) andava um tanto distante e preocupava-se à toa com qualquer ligação telefônica. “É o trabalho”, desculpava-se ele, acrescentando que as coisas não iam bem na imobiliária que herdara do pai, mas que, se tudo corresse como planejava, logo logo iria fechar um ótimo negócio.

Maria Rita contentava-se com a explicação, entendia o estado do marido e até mesmo dispunha-se a compartilhar da sua preocupação, consolando-o e poupando o que podia nas despesas da casa. Percebe, assim, o leitor, que Maria Rita era uma boa esposa, amava Claudio e fazia de tudo para lhe agradar. Era uma mulher de beleza mediana. Os cabelos castanhos desciam lisos até formarem pequenos caracóis na altura dos ombros. Os olhos eram claros e serenos. No entanto, era já uma mulher de meia idade, dez anos mais velha que seu companheiro, e a beleza modesta começava pouco a pouco a ceder terreno para a velhice. Isso a preocupava muito, em especial pelo marido, no qual pensava sempre

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de Estudos da Linguagem/Teorias do Texto e do Discurso. E-mail: fabio_koy@yahoo.com.br

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

que comprava um creme ou loção para atenuar os efeitos da idade. “Estou velha, não é?”, por vezes perguntava ela ao esposo, cabisbaixa diante do espelho do quarto, depois de haver colocado sua roupa de dormir e antes de ir para a cama. “Capaz!”, exclamava o cônjuge, num gesto de reprovação. “Você continua linda”.

Ah, o patife! A vontade que ela tinha agora era de arranhar-lhe toda a cara, dar-lhe uns bons tabefes e mandar ele e Júlia para o inferno.

Mas é tempo de explicar o que desencadeou a ira de Maria Rita. Embora seja praticamente óbvio para o leitor que o motivo foi um suposto adultério, falta-lhe ainda os pormenores da história, como, por exemplo, como se deu a descoberta do caso entre Júlia e o marido. “Quem é Júlia, afinal?”, deve já estar se perguntando, impaciente. Começemos, então, por aí mesmo.

Júlia era a irmã de Maria Rita. Havia se mudado para a cidade há mais ou menos três meses, pouco tempo antes de surgirem as preocupações e ausências de Claudio por conta dos “negócios”. Mudara-se, reencontrara-se com a irmã depois de longos anos, conhecera seu cunhado, e, sendo ela a irmã mais nova e tendo ela aproximadamente a mesma idade dele, atraía-o para si e traía sua irmã mais velha. Era assim que Maria Rita agora concebia a relação de proximidade de Júlia, as visitas quase diárias. Os pontos iam-se ligando até formarem um quadro terrível de desonestidade.

Se antes a desconfiança com relação à intimidade entre a irmã e o marido era apenas motivo de vergonha e auto-repreensão para Maria Rita, um pensamento execrável, o resquício dos velhos e doentios ataques de ciúmes da adolescência e que foram por fim controlados, agora a suspeita era para ela uma verdade consumada, uma centelha que ateara fogo à velha pira de ciúme e a fazia agora queimar como nunca. Maria Rita elevaria essa chama até o céu, e ela queimaria tudo o que estivesse em sua frente, não importa o que viesse depois. Ela levaria seu ódio às últimas consequências.

A pobre mulher atravessava agora a primeira esquina de sua rua. Já podia ver nitidamente sua casa no outro quarteirão, pequena, modesta, mas charmosa e bem pintada, com um belo jardim de flores e pequenas folhagens que ela mesma cultivava e que combinava com as paredes verde-claras da morada. Deixemo-la em sua marcha irada e

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

sofrida por alguns instantes, e voltemos no tempo, mais ou menos uma hora atrás, quando a coitada descobrira a traição.

Foi em frente ao supermercado em que costumava fazer as compras da casa. Antes disso, ainda no mesmo dia, ela havia percebido que o marido mostrava-se particularmente agitado, como se algo estivesse para acontecer. Se algo de bom ou de ruim, ela não sabia nem quis perguntar ao esposo, com medo de importuná-lo ainda mais. Ele havia dito que faltavam diversas coisas à casa: sabonetes, manteiga, sabão em pó, pão, e assim por diante, enfileirando alimentos e produtos de limpeza, até que deu de mão de um papel e de uma caneta e pôs-se a escrever uma longa lista de itens. Maria Rita, acostumada a ela mesma dar falta das coisas de casa e a ela mesma fazer a lista de compras, estranhou a atitude de Claudio, e inclusive se ofendeu com ela, mas atribuiu-a ao mau-humor pela preocupação que o afligia. O motivo lhe era um enigma que não ousava questionar. O trabalho, provavelmente. As coisas deviam ir mal por lá. Por fim, sentiu pena do esposo e, pegando a lista de suas mãos, disse que ela mesma iria até o supermercado e faria as compras. Claudio assentiu, com um sorriso nervoso, mas agradecido.

Era já fim da tarde quando Maria Rita saiu de casa e percorreu os seis ou sete quarteirões que a separavam do supermercado. Foi só quando chegou lá que se deu conta de que havia, por conta do alvoroço todo, esquecido completamente de levar dinheiro. Com um tapa na testa e uma praga, dirigiu-se à cabine telefônica ao lado do estabelecimento e, tirando o fone do gancho, discou o número de casa. Foi nesse instante que algo muito estranho aconteceu.

O telefone não chamou nem deu sinal de ocupado. Ao invés disso, o que Maria Rita ouviu foi um ruído agudo e muito breve, seguido de um chiado, como que de interferência, e então vozes. Reconheceu a primeira de imediato: era Júlia quem falava.

- Tem certeza? – indagava a voz da irmã. – E se ela chegar e descobrir?

- Não se preocupe – respondeu uma voz masculina, em tom brando. Era inegavelmente a voz de Claudio. – A Maria foi ao mercado há pouco. Dei-lhe uma lista enorme de compras. Ela não voltará antes de uma hora.

Maria Rita estava petrificada. O fone havia sido espremido contra o ouvido enquanto ela ouvia atonitamente o diálogo que se desenrolava. Os olhos fixavam-se em

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

algum lugar indefinido, arregalados, mas sem nada ver – sua capacidade sensorial havia sido emprestada por completo à audição, e assim se deu com todo o resto de seu corpo. Não podia acreditar no que escutava e, no entanto, lá estavam as vozes a conspirar contra ela sem qualquer sentimento de culpa, diabolicamente.

- Já está tudo preparado? – Perguntou a irmã.

- Ainda não, mas você pode vir aqui e me dar uma mãozinha, não é? – Claudio respondeu com uma risadinha irônica que fez Maria Rita corar.

- Então está bem – disse Júlia, entusiasmadamente. Estou indo para aí!

Nesse momento, tomada pelo choque, Maria Rita deixou escapar um grito baixo, agudo, quase inaudível. Levou a mão esquerda à boca.

- O que foi isso? – Perguntou a irmã do outro lado da linha. – Você disse alguma coisa?

- Eu? Eu n...

Maria Rita não deixou seu marido responder, colocando rapidamente e com demasiada força o fone de volta no gancho do aparelho telefônico. Estava tão aturdida que não viu que outra mulher esperava para usar a cabine. Quando esta lhe tocou no ombro, tomou um susto tão grande que lhe deu um tapa na mão.

- Está tudo bem? – perguntou a mulher, mais preocupada do que ofendida.

Maria Rita fez mecanicamente um gesto afirmativo com a cabeça, olhando para a mulher como quem olha para o mar. Afastou-se aos poucos, ainda absorta pelo que acabara de ouvir. As vozes ainda ecoavam como sinos estridentes em sua cabeça, enquanto as pernas moviam-se automaticamente, levando-a involuntariamente para longe do mercado. Andou assim, a esmo, por alguns minutos, sob efeito daquela ligação. Quando deu por si, estava entrando em um pequeno parque. Feixes alaranjados de luz atravessavam em ângulo as copas das árvores e caíam solenemente no chão de terra e pedriscos, enquanto as sombras começavam a se assomar. A mulher deixou-se desabar sobre um banco baixo de madeira, e só ali afundou o rosto entre as mãos, num choro tão alto e convulso que, se os transeuntes não tivessem todos as suas próprias preocupações, tê-la-iam ouvido e prontamente prestado auxílio.

TRAVESSIAS ED XIII**ISSN 1982-5935**
revistatravessias@gmail.com

- Como pôde, Claudio? – inquiria ela ao fantasma do marido, entre soluços e lágrimas. – Como pôde?

Maria Rita tinha o rosto ardendo de raiva quando sentiu surgir, de lá do fundo do escuro cárcere que havia criado em seu espírito há muito tempo, o prisioneiro doentio. Apareceu a princípio como um prisioneiro esquelético, fraco, sussurrando sofregamente com a voz de Claudio: “Não se preocupe. A Maria foi ao mercado”. Maria Rita estremeceu ao senti-lo ali, à porta de sua cela, implorando-lhe liberdade. E ela o obedeceu desejosamente. Entregou-lhe a chave de sua prisão, suplicando-lhe ajuda. E o prisioneiro veio ao seu chamado, tornando-se cada vez mais forte, mais destrutível, fazendo reverberar na mente de Maria Rita a voz terrível de sua irmã: “Então está bem. Estou indo para aí!”

O ciúme desmesurado apoderava-se da mulher ali sentada no banco do parque, trêmula. O velho prisioneiro fazia-se algoz voraz, tomando-lhe terreno sem enfrentar resistência, sedento de vingança. Urrava agora as palavras cruéis dos traidores numa tempestade torrencial, entrecortada por trovões de gargalhadas zombeteiras.

Maria Rita subitamente se ergueu do banco. Estava ereta, rijá, arfando como um touro na arena, severamente ferido, mas pronto para uma última investida. As lágrimas ainda umedeciam-lhe a face, mas ela não mais chorava. Os dentes cerraram-se fortemente, como evidenciava a tensão dos músculos maxilares, e as sobrancelhas desenhavam-lhe agora um V grotesco na testa, escondendo os olhos estreitados e dando-lhe uma aparência monstruosa. Era o algoz que lhe havia tomado o controle, o vingador a quem Maria Rita havia cedido espaço de bom grado. Era ele quem agora a colocava em movimento e lhe tornava o pensamento claro e ágil.

Maria Rita surpreendeu-se com a necessidade que tinha agora de sua raiva para continuar em pé, para não amoiatar-se no chão e chorar até desmaiar. Era como se aquela doença tivesse estado sempre ali, desde a adolescência – contida, é verdade – mas sempre ali, espreitando de seu cárcere, por um motivo último. Ficou então claro como o dia para Maria que o propósito desse vilão de tantos relacionamentos perdidos no passado era um dia tornar-se a sua própria força motriz, o seu pilar de sustentação, sem o qual não conseguiria fazer o que estava agora prestes a fazer. O momento enfim havia chegado, e o tão execrável ciúme finalmente cumpriria o seu verdadeiro propósito.

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Quem olhasse agora para Maria Rita jamais diria que há apenas alguns instantes ela se encontrava mergulhada num choro de morte. Ela era agora uma locomotiva fumegante, cruzando velozmente o silencioso parque na direção da casa do pai. Seu cérebro, injetado de ciúme e raiva, pensava na mesma velocidade com que ela caminhava.

O velho militar aposentado ainda haveria de ter em sua estante de medalhas e insígnias o seu revólver de estimação, limpadado uma vez por semana, tratado pelo coronel com mais cuidado do que as próprias filhas. A munição estaria na segunda gaveta do mesmo móvel, de cima para baixo. A chave para ambos os objetos residiria religiosamente, tal qual um artefato divino, entre as folhas da velha Bíblia Sagrada ao lado da estante. Sempre à página 211 do Novo Testamento, na qual Paulo dirige aos Coríntios as palavras que de igual maneira tornaram-se uma revelação para o pai de Maria Rita: “Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar d’olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”. A trombeta soava uma nota aguda e estridente na cabeça de Maria Rita, e ela de fato já não era mais a mesma. Estava transformada. Quanto ao velho, pensava ela, àquela hora estaria sem dúvida na casa de seu vizinho, entretendo-se com conversas saudosistas ou com o jogo de dominó.

Maria Rita estava certa em todos os detalhes. Em pouco tempo, já se encontrava sozinha na casa de seu pai, retirando a chave da estante de seu esconderijo sagrado e, com ela, pegando o seu pequeno e mimado irmão de metal, carregando-o com as balas da gaveta e colocando-o dentro de sua pequena bolsa. Logo a locomotiva estava novamente à rua, dessa vez dirigindo-se a todo vapor para sua própria casa, pronta para dar cabo de sua irmã e de seu marido.

Chegamos, assim, ao início da história, que é, ao mesmo tempo, o seu desfecho. Maria Rita havia dobrado na esquina de sua rua, atravessado o primeiro quarteirão e encontrava-se agora diante de sua casa. Dominada por seu ciúme corrosivo, via agora seu belo jardim com repulsa. As flores a quem dedicava seu cuidado eram testemunhas mudas da traição do marido e da irmã. As paredes da casa, tão bem pintadas, ocultavam-lhe o segredo lascivo dos traidores. Odiou sua vida de ilusão e, com um primeiro e doloroso passo, cruzou o pequeno portão do jardim e andou até a porta da casa. O silêncio era

TRAVESSIAS ED XIII

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

absoluto, e o sol já havia se deixado sumir atrás dos prédios há algum tempo, de modo que tudo agora se encontrava imerso na penumbra. Nenhuma luz provinha de dentro da casa.

Maria Rita retirou a arma de dentro de sua bolsa, segurando-a com a mão trêmula e desajeitada. Não podia mais voltar atrás. Seu vingador não o permitiria. Com a mão livre, segurou a maçaneta da porta e girou-a lentamente. Havia chegado a hora.

A porta se abriu com um leve rangido. Escuridão. Maria Rita deu dois passos relutantes, e então o súbito clarão lhe ofuscou a vista.

- SURPRESA! – gritou um coro de vozes, o som jorrando como se tivesse estado represado na garganta por muito tempo.

Maria Rita teria visto muita gente gargalhando em sua sala de estar. Parentes, vizinhos e amigos. A mesa estaria decorada e recheada com bolos, tortas, doces e salgados. À frente da mesa, estariam Claudio, sua irmã e seu pai, rindo e andando em sua direção para tirá-la de seu choque, ao som de vozes cantando “parabéns pra você”. O marido lhe abraçaria com ternura, desculpando-se por ter sido rude com ela, e Júlia lhe teria dito que, se não fosse por isso, a surpresa não poderia ter sido feita. Claudio ainda acrescentaria jovialmente que o tempo de preocupações havia terminado, que sua imobiliária havia fechado o tão esperado negócio e que ele, para comemorar, havia resolvido dar a boa notícia à esposa na forma de uma festa de aniversário surpresa. Um aniversário que Maria Rita não se lembrava há anos. O pai se limitaria a um pequeno abraço e um sorriso singelo, o que, para ela, já seria um presente e tanto. Comer-se-ia muito, beber-se-ia ainda mais. Risadas ecoariam pelo teto, sairiam pelas janelas abertas, cruzariam o jardim e se perderiam rua afora, noite adentro.

Tudo isso aconteceria se Maria Rita não tivesse, pelo susto, retesado todos os músculos do corpo, inclusive os do dedo indicador, o qual repousava sobre o gatilho do revólver empunhado. O disparo ensurdecedor calou os convidados, enquanto Claudio caía pesadamente sobre a mesa com um tiro fulminante no peito.

Deixemos Maria Rita onde está, feita estátua de mármore, o cano da arma ainda fumegando, e terminemos de uma vez essa história, porque só o que se seguiu após isso foi terror e sofrimento.